



S. PA O DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO II N.º 24
NOVEMBRO DE 1959

Composição e impressão:
Escola Tip. da Oficina de S. José
= BRAGA =

“SAUDADE NOSSA,”

*« Honrai os mortos. Aos mortos
Não dái o sepulcro estreito,
Mas a VALA DE ESQUECIDOS
Em que os trouxermos no peito. »*

Lembrado talvez deste conselheiro amigo, Esposende irá prestar homenagem à excelsa figura de mulher, de mãe e de esposa que foi a Snr.ª D. Maria Adelaide Sottomayor Correia de Oliveira. Para o fazer, não podia escolher melhor dia — o Dia da Mãe — o Dia da Imaculada Conceição. Regozijemo-nos com o facto.

A esta homenagem se associará o Governo na ilustre pessoa do Ministro da Educação Nacional.

A esta mesma homenagem se associará a nossa terra cujos caminhos ela calcurreara tantas vezes para ir levar alívio e conforto às casas mais abastadas ou aos tugúrios mais humildes.

A lembrança da sua figura nobre e distinta a irradiar simpatia, amizade, lhanza, compreensão e simplicidade perdura ainda na memória de quantos tiveram a dita de a conhecer. Chamada a altas horas da noite para dar alívio aos que sofriam



(Continua na terceira página)

ALMAS DO OUTRO MUNDO

O tio Vergas era velho como os sobreiros da Peneirada. Boa memória que ele tinha. Falava dos antigos como se estivesse a seu lado a ouvir e a confirmar os seus ditos. E só com os antigos se sentia bem. Não metia dois dedos de conversa que não escorregasse para as suas memórias.

No meu tempo isto, no meu tempo aquilo...

Com a rapaziada de hoje não afinava lá muito bem. Nunca compreendera como é que um homem se pode segurar em cima de duas rodas de uma bicicleta ou como ir a Barcelos ou à Vila era preciso uma caminheta. Invenções do diabo.

Era do tempo em que em S. Paio não havia estradas e guilheta se resumia em meia dúzia de casas. Calcurriava caminhos até ao cabo do mundo. Feiras e romarias pressentiam-no longe, vinha ele ainda pelos atalhos.

— De uma vez, vai pra riba de quatro dúzias de anos...

Contava tudo às dúzias como nos tempos fartos da Agra do Relógio, em que ele de lá arrecadava dúzias de cestos de espigas. Até às dúzias contava os pecados nas velhas desobrigas do tempo do Padre Bento.

— Dei tantas dúzias de pontapés à canalha, tantas dúzias disto, tantas dúzias daquilo.

Bom homem, tão amigo do seu como respeitador do alheio. Um nadinha fraco pelas almas do outro mundo. Não era medo propriamente; era respeito.

— As almas dos antigos são sagradas. A gente de hoje já não respeita.

A história vinha de longe.

— Já lá vão umas largas dúzias de anos. Era eu rapaz novo...

Era ele rapaz novo e vinha das bandas de guilheta. No céu nem estrelas nem luar. Foi ali por alturas dos Moinhos do Milheiro. A noite enchia os pinhais e pelas sombras da encosta da Cividade parecia-lhe sentir vozes que desciam.

De repente, sem ouvir «água vai», cai-lhe em cima das costas um peso enorme como se lhe tivessem saltado para cima do lombo todos os condenados do inferno. Não via ninguém, não ouvia ninguém. Só os pinhais a negrejar. Como é que o mafarrico se lhe lembrara de deitar para cima do costado e para mais naquele lugar, um peso daqueles que dava bem para três fornadas do gerico mais válido da Abelheira?

Quando chegou ao S. João o peso desapareceu mas o Vergas estava exausto, mais derreado que um jumento de ciganos. Derreado e sem chapéu, que o mafarrico havia-lhe levado o chapéu para as profundas do inferno.

— Um chapéu de estimação, como já hoje se não fazem, carambas!

Desde então para cá nunca mais voltou a ser o mesmo. Ficou sempre com aquela cisma das almas do outro mundo a moer-lhe o tontico e era raro vê-lo de noite. Só na maré das malhas, quando as vozes das eiras andavam pelos caminhos. E então lá vinha ele, com o mangual às costas, o chapéu na mão, como se fosse a acompanhar um enterro.

— A noite é sagrada. Pertence às almas dos antigos e é preciso respeito.

Há já dias que na adega, por baixo do seu quarto, o tio Vergas ouvia barulhos estranhos.

Três, quatro horas da madrugada e zás — passos na adega. Vozes sumidas e um barulho húmido e fluente que lembrava o vinho da torneira a encher a infusa. Santa Rita Milagrosa, as almas do outro mundo andar-lhe-iam a contas com o tonel?

— Olha cá, João (João era o criado), tu não tens ouvido barulho e vozes na loja, alta madrugada, antes do galo cantar?

— Nem barulho nem vozes que não me chega a noite para dormir.

E o homem ficava-se a remoer. Eram as almas dos antigos, Deus lhe perdoe. Eram gente para até o sarro do tonel lhe levarem. Bastava lembrar o Igrejas que emborcava duas canadas sem pestanejar, o Cunha, etc.

Tão morrinhento deu em andar que já nem de dia se atrevia a ir à adega.

Na Venda Velha os do costume notaram a mudança.

— Andas tolhido, Vergas.

— Um bocado.

— Do buxo? Porque não tentas uma lavagem?

Em Monção...

— Não é isso homem. Tenho gente lá em casa.

— Gente em casa?

E o Vergas tirando o chapéu:

— As almas dos antigos.

Os outros ouviram o conto e ali mesmo lhe prometeram que ao outro dia estariam na adega para correrem à fueirada quantos penados por ali andassem.

— É preciso respeito. São almas sagradas — gemia o Vergas.

(Continua na 4.ª página)

"SAUDADE NOSSA,"

(Continuação da primeira página)

nunca se recusou a fazê-lo. A todos atendia com um sorriso nos lábios, mesmo que a sua alma estivesse mergulhada em dor e abatimento.

Quantas vezes se não debruçou sobre as chagas porulentas dos inválidos! Quantas vezes, esquecida das suas próprias máguas, procurou consolar os tristes! Quantas vezes não incutiu ânimo aos desanimados e vencidos da vida! Quantas vezes não restabeleceu a paz e harmonia nos lares da nossa terra, onde Cristo parecia ter deixado de reinar!

Apóstola da caridade cristã, nunca se cansou de espalhar o bem misturado com o aroma das suas virtudes. Não vos recordais ainda da sua figura nobre e simples quando todos os domingos, ao lado de seu marido — o Apóstolo da Poesia Cristã — se ajoelhava à mesa da comunhão?!...

Não há dúvidas de que mais eloquente do que as suas palavras (pedaços da sua alma!) foi o seu exemplo.

Prestemos-lhe por isso a homenagem a que tem direito, lamentando-nos apenas de que tão tardiamente seja levada a efeito. Mais vale tarde que nunca!

Vamos todos junto do seu túmulo, no próximo dia oito, assistir à missa que irá ser celebrada em sufrágio da sua alma.

« E cheguei a Belinho, onde ficaste; Sôsinha? não direi, pois te rodeia, No teu jazigo sempre em flor, a cheia De ternos corações que tanto amaste.

A Belinho voltei, onde reinaste, Maria, e urdiste a delicada teia, Brando agasalho da miséria alheia, Rendas do próprio Altar a que rezaste. »

Também nós voltaremos, mais uma vez, a Belinho, ao seu jazigo, para rezarmos pela sua bela alma junto do altar a que ela rezou. Também nós faremos parte da «cheia de ternos corações que tanto amaste» e que tanto te amaram e continuam a amar-te, porque jamais poderão esquecer-te. Também nós, os de perto e os de longe, nos associaremos à justa e mais que merecida homenagem que irá ser prestada à Excelsa Senhora a quem os humildes e os deserdados da sorte na sua linguagem simples mas expressiva apelidavam de Mãe dos Pobres.

Na igreja, quando, ao fim da Missa, a voz Do Sacerdote entoar (e todos nós A retornamos, de almas comovidas):

— « Benedito seja Deus entre os seus

[Santos... »

Os Santos me perdoem! mas, de tantos, És tu quem vejo, as minhas mãos

[erguidas. »

NATAL PARA OS POBRES

Como no ano passado, o Albino Pereira de Sá não quis esquecer o Natal dos conterrâneos menos bafejados pela fortuna e para isso enviou a quantia de 400\$00; também o Amândio, que está no Canadá, nos mandou dizer que enviaria 100\$00 com o mesmo fim.

Que Deus vos pegue, queridos amigos e que os pobres não vos esqueçam nas suas orações.

Padre António Fernandes de Sá

Está em S. Paio desde o dia 14 de Novembro este membro da Congregação do Espírito Santo e filho desta terra. Durante quatro anos, o Sr. P.^o António Sá trabalhou em Angola na Escola do Cuima. Passará algum tempo na Metrópole a cuidar da saúde, para com novas forças regressar à mesma Província onde tem sido um verdadeiro apóstolo.

NOTICÁRIO

Matrimónio

Manuel Fernandes de Sá e Maria Cândida Ribeiro Toninhas realizaram o seu casamento a 17/10; no mesmo dia uniram-se também pelo sacramento do matrimónio Manuel Laranjeira da Cruz e Maria da Conceição Moreira de Faria.

— Manuel Alves Rolo, do lugar de Pereira e Emilia Viana da Cruz, do lugar de Azevedo, contraíram o sacramento do matrimónio no dia 4/11.

— Armando Pereira Rolo realizou o seu casamento na freguesia de Forjães a 17/10.

— Cândido Laranjeira Gomes casou na freguesia de Belinho a 27/10.

— Adelino Meira da Costa casou em Forjães a 28/10.

— Manuel da Cruz Neiva casou, a 7/11, na freguesia de Forjães.

Baptizados

Maria de Lurdes da Cruz Laranjeira, filha de Manuel Cândido Pires Laranjeira e de Maria Leontina Viana da Cruz, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 6/10.

Antonio da Cruz Rolo, filho de Manuel Alves Rolo e de Emilia Viana da Cruz, foi baptizado a 10/10.

Rosa Rodrigues Moreira, filha de José Joaquim Durrães Moreira e de Brazelina Rodrigues, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 15/11.

Carlos Alberto Vieira Moreira, filho de Manuel Moreira e de Adelaide Pires Vieira, residentes no lugar da Estrada, foi baptizado a 18/10.

Maria Cachada da Cruz, filha de Manuel Enes da Cruz e de Maria de Lurdes Gonçalves Cachada, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 28/10.

*— Quem tem filhos tem cadilhos,
Tem-nos quem os não tiver. —
Quem tem filhos inda vive
Mesmo depois de morrer.*

Correia da Oliveira

Bodas de ouro matrimoniais

José Fernandes Penteado e Carolina Dias completaram no passado dia 30 de Outubro 50 anos de casados. Para comemorar essa data assistiram à Santa Missa, comungaram e consagraram toda a família ao Sagrado Coração de Jesus.

Óbitos

Carlos de Sá Ferreira de Brito, de onze meses, filho de Manuel Ferreira de Brito e de Maria Arminda Almeida de Sá, faleceu a 11/10, aos 11 dias, Jaime da Silva Simões, de um mês de idade, faleceu a 15/10.

Domingos Moreira Portela, de 2 anos de idade, filho de David Gonçalves Portela e de Ermelinda Moreira, faleceu a 1/11.

Teresa Alves, de 75 anos, residente no lugar do Monte, faleceu a 5/11.

Cassiano Alves de Faria faleceu em Angola a 6/11.

Francisco Alves da Cunha faleceu no Brasil.

Senhor, dai-lhes o repouso eterno.

Recebemos

Manuel Cacheiros Cardoso de Albuquerque (Casa do Barco)	20\$00
Anónimo (Argentina)	100\$00
António da Costa Maciel (Miranda do Douro)	50\$00
Álvaro Meira (Timor)	200\$00

Almas do outro mundo

(Continuação da primeira página)

— Qual quê, Vergas. Está agora um homem como tu, honrado e de barba feita, obrigado a manter à sua custa os borrachos do inferno inteiro. não?

— Com essas coisas não se brinca — E o homem, assustado, implorava misericórdia.

— Este fueiro lhes dirá.

Ao outro dia, eram três da madrugada, noite redonda com névoas estendidas pelas veigas. Atraz do palheiro do Vergas lá estavam o Pontes, o Silva, o Pereira e o José Cortes — os quatro eram homens para, sòsinhos, pôrem um arraial em cascos. Vai se não quando abre-se a porta da adega e entram dois vultos com um cântaro na mão.

— Pshiu! Faz pouco barulho.

Dai a nada havia luz lá dentro. Passos, vozes sumidas e um barulho húmido e fluente que lembrava o vinho da torneira a encher a enfusa.

De novo a porta aberta e foi então que eles reconheceram o João (o criado de Vergas), a sair com a mulher, cada qual com o seu cântaro de vinho à cabeça.

Era alta madrugada, aindam os galos não cantavam.